

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

SARA FANTIN RIBEIRO ENGEL

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO OLÍMPICA:**  
um mapeamento dos estudos acadêmicos multidisciplinares

FLORIANÓPOLIS, SC

2019

Sara Fantin Ribeiro Engel

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO OLÍMPICA: um  
mapeamento dos estudos acadêmicos multidisciplinares**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina Fernandes da Silva.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Sara Fantin

A produção do conhecimento sobre Educação Olímpica : um mapeamento dos estudos acadêmicos multidisciplinares / Sara Fantin Ribeiro ; orientadora, Carolina Fernandes da Silva, 2019.

56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Educação Olímpica. 3. Estudos Olímpicos. 4. Produção Acadêmica. I. da Silva, Carolina Fernandes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Sara Fantin Ribeiro Engel

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO OLÍMPICA:**  
um mapeamento dos estudos acadêmicos multidisciplinares

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso Educação Física

Florianópolis, 27 de Novembro de 2019.

---

Prof. Dr. Giovani Firpo Del Duca  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.(a) Dr.(a) Carolina Fernandes da Silva  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Nelson Schneider Todt  
Avaliador  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Prof. Ms. Paulo Marcelo Soares de Macedo  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado a todos buscadores que reconhecem que a verdade não é obra dos homens, e que podemos apenas descobri-la.

## AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim de uma etapa, surge um sentimento grande de gratidão pelo esforço dispendido na esfera individual mas, também, ao empenho coletivo daqueles que contribuíram com a caminhada de uma forma ou de outra, pois não se alcança o destino final com êxito sem uma rede de colaboração. Então seguem minhas singelas homenagens:

Inicialmente à minha família, pelo incentivo e compreensão durante todo o trajeto, especialmente ao meu marido Rafael, não somente pelas contribuições com o desenvolvimento do trabalho em si, mas, principalmente, pela inspiração como cientista e companheiro, e a nobreza de coração que expressa em sua forma de ser. Gostaria de agradecer também a minha outra família, daqueles irmãos que escolhemos por afinidades de alma, por podermos compartilhar ensinamentos profundos, e por me inspirarem a ser uma pessoa cada vez melhor. Deixo meu agradecimento a todos meus irmãos filósofos, em especial aqueles que abriram o caminho para o resgate e a aplicação de uma nova possibilidade de Filosofia Olímpica – Professor Paco Iglesias, Professora Luzia Helena Echenique, Fabiana Turelli Thumé, Ricardo Vela, Fernando Soares e Roger Hansen.

Também gostaria de deixar um agradecimento especial ao âmbito acadêmico que viabilizou a realização deste trabalho, principalmente através da possibilidade de investigar a temática sobre a orientação da Professora Dra. Carolina Fernandes da Silva, que nos ensinando o valor de um olhar histórico e do rigor científico, certamente ampliou e enriqueceu muito a construção da pesquisa. Em seu nome estendo meus agradecimentos aos demais professores do Centro de Desportos da UFSC que contribuíram com a minha formação acadêmica. Contar com o apoio do Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento (Sôma) também foi importante para o desenvolvimento do trabalho, não apenas pelo espaço para trocas de conhecimentos e reflexões, mas sobretudo pelas pessoas que o compõem. Deixo um agradecimento especial aos meus colegas Alice Freitas, Bruna Letícia e Luiz Katcipis que certamente tornaram a jornada muito mais divertida.

E, finalmente, não poderia deixar de registrar meus agradecimentos ao Professor Dr. Nelson Schneider Todt, pela sua contribuição na indicação das fontes e rico conhecimento olímpico compartilhado, sobretudo pelo grande exemplo de vivência do espírito olímpico que representa.

A mais importante de todas as obras é o exemplo da própria vida. (BLAVATSKY, 1877).

## RESUMO

Neste estudo se realizou um mapeamento da produção do conhecimento sobre Educação Olímpica através de estudos acadêmicos multidisciplinares, iniciando por suas características gerais até sua relação com a Educação Física. O objetivo geral é compreender a configuração da produção do conhecimento em Educação Olímpica no âmbito nacional e internacional. Através da técnica Estado da Arte, as fontes selecionadas para este levantamento bibliográfico foram artigos disponíveis nas principais bases de dados eletrônicas. Definiu-se como recorte temporal o período de 2000 a 2018, e a busca foi feita a partir do termo “Educação Olímpica” no título e sua tradução em inglês e espanhol. Foram encontrados 38 artigos, grande parte publicado em inglês, provenientes de 17 países que, de maneira geral, foram produzidos e publicados predominantemente na Europa, de forma pulverizada, com destaque para a região do Leste Europeu, juntamente com o Brasil. Depois da Educação, a Educação Física é a área do conhecimento com maior prevalência, com destaque para a subárea dos estudos socioculturais do movimento humano. Os temas de maiores destaques foram ‘valores’ e ‘esporte’, reforçando a indicação da literatura que a prática esportiva em sua esfera valorativa é o principal instrumento da Educação Olímpica.

**Palavras-chave:** Educação Olímpica. Estudos Olímpicos. Produção Acadêmica.

## ABSTRACT

This study mapped the production of knowledge about Olympic Education through multidisciplinary academic studies, beginning with its general characteristics until its relationship with Physical Education. The general objective is to investigate the configuration of knowledge production in Olympic Education at national and international levels. Through the State of the Art technique, the sources selected for this global bibliographic survey were articles available in the main electronic databases. The timeframe was defined from 2000 to 2018, and the search was made from the term “Olympic Education” in Portuguese and its translation into English and Spanish. The number of articles found were 38, most of them published in English, from 17 countries that were generally produced and published predominantly in Europe, in a pulverized form, with emphasis on the Eastern Europe region, along with Brazil. After Education, Physical Education is the most prevalent area of knowledge, with emphasis on the subarea of sociocultural studies of human movement. The most prevalent themes were 'values' and 'sport', reinforcing the literature's indication that sports practice in its sphere of value is the main instrument of Olympic Education.

**Keywords:** Olympic Education. Olympic Studies. Academic Production.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1 – Distribuição por base de dados e país de origem correspondente .....	32
Tabela 4.2 – Distribuição das publicações por idioma.....	40
Tabela 4.3 – Distribuição por subáreas e temas da Educação Física .....	45

## LISTA DE FIGURAS

Figura 4.1 – Distribuição continental das bases de dados.	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 4.2 – Número de artigos publicado por ano e por base bibliográfica. ....	37
Figura 4.3 – Procedência territorial das instituições provedora da pesquisa. ....	41
Figura 4.4 – Distribuição continental das instituições provedoras das pesquisas. ....	44

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AOB	Academia Olímpica Brasileira
AOI	Academia Olímpica Internacional
CEO	Centro de Estudos Olímpicos
CNPq	Centro Nacional de Pesquisa
COI	Comitê Olímpico Internacional
EO	Educação Olímpica
GPEO	Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos
JO	Jogos Olímpicos

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>19</b>
2.1 O OLIMPISMO.....	19
2.2 A EDUCAÇÃO OLÍMPICA E A PRODUÇÃO ACADÊMICA.....	23
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>27</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO .....	27
3.2. INSTRUMENTO DE COLETA .....	28
3.3. PROCEDIMENTO DE COLETA .....	29
3.4. ANÁLISE DOS DADOS .....	30
<b>4. DISCUSSÕES E RESULTADOS .....</b>	<b>32</b>
4.1 DISTRIBUIÇÃO POR BASE DE DADOS, LOCALIZAÇÃO, ANO E IDIOMA .....	32
4.2 DISTRIBUIÇÃO POR PROCEDÊNCIA TERRITORIAL DAS INSTITUIÇÕES PROVIDORAS DA PESQUISA .....	41
4.3 ÁREAS DO CONHECIMENTO E RELAÇÕES COM O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA .....	44
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao se abordar a Educação Olímpica (EO), pressupõe-se dois elementos fundamentais para o entendimento e a contextualização deste estudo: Educação e Olimpismo. Utilizado pela primeira vez em 1911, o termo Olimpismo, cunhado por Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico (MO)<sup>1</sup> internacional, se refere ao conjunto de ideias e princípios, também chamados de “valores Olímpicos”, que fundamenta, ou deveria fundamentar, a base e justificativa aos Jogos Olímpicos (JO) e a ação do Movimento. (DACOSTA et al., 2005).

O Olimpismo, por sua vez, chega ao mundo ocidental inspirado pelo ‘modelo ideal’ de educação estruturado na Grécia Antiga, conhecido como *Paideia*. A *Paideia* clássica vislumbrava na música e na ginástica os pilares fundamentais para uma educação integral do Ser Humano. (JAEGER, 2001). Segundo DaCosta (2009), essa tradição pedagógica através do esporte partiu da Grécia para o Renascimento italiano por Vittorino Da Feltre por meio de práticas físicas em espaços naturais. No final do século XVIII, Jean Jacques Rousseau institui o sistema de “Educação Física” até hoje presente em alguns sistemas escolares, inspirado no atletismo<sup>2</sup> grego.

A partir de então, a concepção de utilizar dos benefícios do exercício físico como via de formação educacional floresceu, sobretudo na Europa, dando nascimento à semente da Educação Física enquanto disciplina, demarcada pela influência da longa tradição filosófico-pedagógica europeia. Por outro lado, ainda segundo DaCosta (2009), os exercícios gímnicos configuravam-se como uma aspiração cultural coletiva, cuja proposta se fez presente ao longo da história em diversos momentos sob diferentes abordagens pedagógicas, percorrendo sua trajetória até os dias atuais. Conhecer esse desenvolvimento no decorrer do tempo se faz necessário para chegarmos na construção do atual entendimento de EO, tema presente nas pesquisas em escala global e objeto central deste estudo.

---

<sup>1</sup> El Movimiento Olímpico es la acción concertada, organizada, universal y permanente, ejercida bajo la autoridad suprema del COI, sobre todas las personas y entidades inspiradas por los valores del Olimpismo. (COI, 2018).

<sup>2</sup> Diz respeito ao desenvolvimento físico e moral, através do treinamento físico, com objetivos de combate, enfatizar a lealdade, o sacrifício individual e o anti-intelectualismo. (ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2015).

Prosseguindo com esta breve retrospectiva histórica, no final do século XIX, surge a figura de Pierre de Coubertin, pedagogo francês, que propõe a reestruturação dos JO na Era Moderna, tomando como base as descobertas arqueológicas de Olímpia e o advento da então incipiente ciência do esporte. Após tentativas frustradas de reformar a educação francesa, Coubertin dirige seus esforços educacionais através da internacionalização da prática esportiva. (RUBIO, 2007).

Assim, em 1894, ele instituiu o Comitê Olímpico Internacional (COI) configurando-se como o novo representante dos legados histórico-culturais da tradição grega, utilizando os JO como ponto de partida de um modelo para sua “pedagogia esportiva”, vislumbrando elevar essa proposta a uma perspectiva mundial. (DACOSTA, 2009).

Na tentativa de buscar conhecer os princípios da sua proposta educativa, é necessário se aproximar da compreensão do conceito de Olimpismo e seus pressupostos filosóficos. No entanto, seria um tanto desafiador propor uma definição exata do termo, uma vez que não há consenso na comunidade acadêmica que estuda o Olimpismo devido ao fato da própria produção intelectual coubertiniana não ter apresentado uma definição precisa que atendesse ao rigor científico, uma vez que por vezes a classificava como doutrina, outras por filosofia, ou mesmo por um estado de espírito. (TAVARES, 1999).

Diante da complexidade do tema, para uma primeira abordagem, apresenta-se a definição de Olimpismo conforme apresentado na Carta Olímpica, através de seus princípios fundamentais. Neste estatuto, sintetiza-se o Olimpismo como uma filosofia de vida que exalta e combina de uma maneira balanceada a totalidade das qualidades do corpo, da vontade e da mente, combinando esporte com cultura e educação, tendo como objetivo colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem. (COI, 2018). A Carta Olímpica é considerada como o estatuto do MO que, por sua vez, é definido nesse documento como a ação concentrada, organizada, universal e permanente, de todos os indivíduos e entidades que são inspirados pelos valores do Olimpismo, sob a autoridade suprema do COI. (COI, 2018, tradução nossa).

Assim, de acordo às fontes oficiais, a combinação entre esporte, educação e cultura a serviço do desenvolvimento humano, indica que o principal elemento preconizado pelo Olimpismo é o viés pedagógico e não a competição dos JO. Rubio (2009) corrobora com esse entendimento ao afirmar que desde a fundação do MO, a finalidade não estava em apenas criar uma competição esportiva, mas sim transmitir um conjunto de princípios éticos, pedagógicos e morais norteadores da conduta de todos

envolvidos nas atividades olímpicas, que mais tarde passou a ser conhecido como a filosofia do Olimpismo. Segundo Naul (2008), os escritos de Coubertin que tratavam da pedagogia esportiva e do Olimpismo foram sendo mesclados por diferentes estudiosos, resultando na perda de seu significado original. Atualmente, os pesquisadores têm partido do entendimento que tais ideias e princípios estão contemplados no que hoje se conhece como EO. (NETO-WACKER, 2009).

Analisar a produção acadêmica sobre a EO é uma forma de refletir sua relevância acadêmico-científica na atualidade, bem como seu sentido prático, ou seja, de aplicação no campo educacional. Buscar extrair o estado do conhecimento produzido sobre o tema possibilita vislumbrar possíveis lacunas existentes na literatura e novas perguntas surgirão sobre os caminhos a serem percorridos para o aprofundamento no entendimento do assunto.

Considerando as diferentes manifestações culturais produzidas no século XX, o esporte é aquela que se consolidou como um fenômeno de escala global. Ao longo do último século, os JO se transformaram não apenas em um dos principais eventos culturais do planeta, mas também em um dos maiores negócios. Nesse sentido, esse evento tem o potencial de tornar-se uma fonte cada vez mais significativa de reprodução de valores culturais e de projeção da dinâmica social, passíveis de questionamentos. No âmbito científico e tecnológico, nota-se que a lapidação e o refinamento da técnica da ciência desportiva refletem-se em um alto grau de especialização e, por sua vez, correspondem a uma tendência presente nas demais áreas, por vezes reproduzida em aulas de Educação Física como componente curricular.

Diante de tal cenário, o Olimpismo, através dos pressupostos de uma EO, aparentemente apresenta uma perspectiva que contrasta com tal lógica ao promover uma educação universal, que fala de resgatar valores humanos fundamentais, como respeito, cidadania e solidariedade, ou seja, de uma educação moral e social. Por outro lado, como expressão de uma manifestação cultural construída historicamente, carrega em si representações portadoras de elementos simbólicos, repleta de significados ocultos que se internalizam no inconsciente coletivo, sendo necessário considerá-los para se aproximar da compreensão de um fenômeno social. (PESAVENTO, 2005).

Em uma primeira aproximação com a produção científica sobre o assunto, em âmbito nacional, não foi identificado no levantamento da literatura um estudo dessa natureza abordando a temática da EO, nem sua relação com a Educação Física, demonstrando a existência de um espaço a ser preenchido. Por outro lado, mediante a

expressão mundial do MO, destaca-se o fato da proposta pedagógica que configurava o grande objetivo inicialmente almejado por Pierre de Coubertin, através das Olimpíadas internacionais, ser cada vez menos conhecida à medida que cresce a visibilidade dos JO.

Ao voltar o olhar para além das críticas em torno do MO moderno sem, contudo, desconsiderá-las, encontra-se um panorama a ser observado em relação a sua abordagem tradicional uma vez que, tanto os JO, como a EO, pressupõem em seus aspectos culturais, históricos e pedagógicos uma relação com a Educação do Ser Humano. Sobre essa perspectiva, parece ser plausível considerar essa proposta, contextualizada historicamente e criticizada, como uma possibilidade de conteúdo para ser trabalhado na escola, não apenas nas aulas de Educação Física, mas nas demais áreas do conhecimento. Ampliando-se, portanto, as justificativas para a realização do presente estudo.

Também faz parte da motivação para a escolha do tema as minhas experiências pessoais como pesquisadora-iniciante, atleta e, essencialmente, como filósofa – não sob o viés acadêmico, mas sobretudo como uma postura diante a vida. Tais vivências me levam a refletir sobre o papel da “educação do físico” por meio de uma perspectiva mais ampla de Educação, a partir de suas raízes clássicas, despertando o interesse em aprofundar as reflexões sobre essa manifestação tão antiga na história da humanidade que se configuravam os Festivais Atléticos, os quais voltam a se fazer presentes nos tempos de hoje, com significativas repercussões em várias esferas.

Nesse contexto, este trabalho se propõe ao desafio de mapear a produção acadêmica a respeito da EO, iniciando por suas características gerais até sua relação com a Educação Física. Além de levantar e constatar como está configurado o panorama atual em escala global, espera-se encontrar respostas para as questões: o que se tem produzido sobre a EO, em termos de quantidade, autores, localização geográfica e sobre quais perspectivas este tema foi abordado? Em quais áreas do conhecimento e idiomas foram publicados? Em relação à Educação Física, quais subáreas são contempladas?

Como o estudo propõe-se a um levantamento em âmbito global da produção acadêmica, optou-se por realizar as buscas em bases de dados bibliográficos eletrônicos que indexam os principais periódicos científicos nacionais e internacionais, uma vez que representam um dos canais de veiculação centrais do saber científico, contemplando a representatividade geral da produção do conhecimento na contemporaneidade (NASCIMENTO; GOMES, 2011). Tal delimitação se fez necessária também em virtude do fator tempo e escopo do projeto, correspondente a uma monografia de Trabalho de Conclusão de Curso.

Desta maneira, o presente estudo tem como objetivo geral: identificar como está configurada a produção do conhecimento em EO no âmbito nacional e internacional. Para tanto, traçou-se os seguintes objetivos específicos, delimitando o mapeamento da produção do conhecimento em EO em termos de: quantidade, período de publicação, região, idioma, área do conhecimento e instituições provedoras das pesquisas; bem como averiguar quais subáreas da Educação Física estão presentes nas produções acadêmicas, procurando compreender como a EO se relaciona com o campo.

Assim, na esperança de contribuir para com a ampliação do conhecimento sobre o tema, apresento a estruturação deste trabalho: a sessão subsequente à essa introdução aborda os principais elementos das produções presentes na literatura sobre a temática, visando o aprofundamento dos conceitos necessários para compreensão do objeto do estudo. Após, será detalhada a metodologia percorrida e, então, os resultados com as discussões sobre os mesmos, concluindo com as considerações finais acerca das principais constatações que esse estudo permitiu alcançar, lançando as perspectivas de pesquisas futuras vislumbradas a partir deste Trabalho de Conclusão de Curso.



## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Com intuito de identificar as bases iniciais para a discussão e a aproximação da compreensão do tema, serão apresentadas a seguir as principais referências encontradas na literatura acerca do conceito do Olimpismo.

### 2.1 O OLIMPISMO

DaCosta e Tavares (1999) sugerem iniciar a análise do termo através das fontes oficiais, ao partir do pressuposto que o Olimpismo enquanto doutrina<sup>3</sup>, filosofia<sup>4</sup> e atitude espiritual<sup>5</sup> – diversas concepções trazidas por Coubertin em seus escritos –, provê as referências fundamentais ao MO internacional. Na Carta Olímpica (COI, 2018, tradução nossa) estão expressos os Princípios Fundamentais do Olimpismo<sup>6</sup> e seus objetivos:

1. O Olimpismo é uma filosofia de vida, que exalta e combina em um conjunto harmônico qualidades do corpo, a vontade e o espírito. Ao associar o esporte com a cultura e a educação, o Olimpismo se propõe a criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, o valor educativo do bom exemplo, a responsabilidade social e o respeito aos princípios éticos fundamentais e universais.
2. O objetivo do Olimpismo é colocar sempre o esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do ser humano, com o objetivo de favorecer o

---

<sup>3</sup> “Como existe um Olimpismo, existe também uma doutrina. [...] Toda doutrina filosófico-religiosa, como esta, necessita de um nome que a evoque e a designe”. (Conferência proferida por Coubertin em 1929, conforme Muller e Todt, p. 555, 2015).

<sup>4</sup> “Esperamos ver como se desprende pouco a pouco dos fatos técnicos e das cifras brutais essa filosofia do esporte, essa nova orientação para o esforço que se apoia no sangue frio e no ritmo, e que aparecia já nos artigos da *Revue Olympique*”. (Conferência proferida por Coubertin em 1892, conforme Muller e Todt, p. 444, 2015).

<sup>5</sup> “Quando tremular, essa bandeira será leve, iridescente e espiritual; tem um sentido amplamente simbólico, e seu êxito está garantido.” (Conferência proferida por Coubertin em 1914, conforme Muller e Todt, p.586, 2015).

<sup>6</sup> 1) El Olimpismo es una filosofía de vida, que exalta y combina en un conjunto armónico las cualidades del cuerpo, la voluntad y el espíritu. Al asociar el deporte con la cultura y la educación, el Olimpismo se propone crear un estilo de vida basado en la alegría del esfuerzo, el valor educativo del buen ejemplo, la responsabilidad social y el respeto por los principios éticos fundamentales universales. 2) El objetivo del Olimpismo es poner siempre el deporte al servicio del desarrollo armónico del ser humano, con el fin de favorecer el establecimiento de una sociedad pacífica y comprometida con el mantenimiento de la dignidad humana.

estabelecimento de uma sociedade pacífica e comprometida com a preservação da dignidade humana.

DaCosta e Tavares (1999) contrapõem que tais definições apresentam um grau de abstração e retórica variada que dificultam sua compreensão como categoria de análise por si só. Os autores identificaram que uma definição clara de Olimpismo que transponha um viés generalista ainda está para ser construída e que, segundo eles, essa aparente confusão de conceitos da obra coubertiniana pode ser justificada devido ao seu ecletismo. Segundo Müller (2010), embora a formação eclética de Coubertin exercesse grande importância teórica sobre o desenvolvimento do Olimpismo, seria importante pontuar três fatores que o influenciaram na formação do seu “Ideal Olímpico”:

- Escola filosófica de Hegel, inspirando Coubertin em sua proposta de aplicação da filosofia para a vida, ação e moral;
- Questões sociais trazidas por Karl Marx, Frédéric Le Play e Arnold Toynbee. Segundo Rubio (2007), tais ideias influenciaram o Barão a se posicionar entre o idealismo e filosofia social<sup>7</sup> vislumbrando uma possibilidade de reforma social;
- Espírito do internacionalismo (ou universalismo), através da figura do Frei Dominicano Henri Didon e o Ecumenismo<sup>8</sup> que promovia;

Observa-se que a característica de Coubertin de generalizar a sua visão humanista do entendimento do mundo, isto é, formação total do homem através da educação baseada nos valores humanos, embasam muito das críticas feitas ao Olimpismo. (TAVARES, 1999; RUBIO, 2007, NETO-WACKER, 2009). Em contrapartida, Rubio (2007) pondera que a disposição de diálogo nas mais diferentes linguagens, fortemente perceptível no Olimpismo, é uma das características de maior destaque enquanto filosofia educacional aplicada. Hans Lenk (1976), corrobora esta visão ao atestar que essa natureza eclética e polissêmica, confere à ideia do Olimpismo características de “multi-identificabilidade” e “multicompatibilidade”, o que possibilita uma aceitabilidade por diferentes culturas e nações, características fundamentais para atender a uma filosofia universal.

---

<sup>7</sup> A partir dos escritos de Coubertin, entende-se que o idealismo do autor refer-se ao helenismo grego, originado em Platão. Nessa corrente filosófica, concebe-se o mundo das Ideias, onde está verdadeira essência das coisas manifestadas (NASCIMENTO JUNIOR, 2001). Como filosofia social, entende-se a partir do conceito hegeliano de eticidade, e se apresenta como uma teoria capaz de dar conta do teor e do alcance normativo das relações sociais, capaz de compreender a dimensão normativa imanente ao social e as estruturas que a compõem. (PEREIRA, 2018).

<sup>8</sup> Importante corrente de pensamento do século XVIII, em consonância com o Iluminismo francês, se apresentando como uma reinterpretação do humanismo, em contraste com a visão positivista de Comte (1798-1857). (DACOSTA, 1999).

Outro apontamento que sugere caminho semelhante é trazido pelo professor britânico Jim Parry (2006), ao apontar que o Olimpismo é uma filosofia social que enfatiza o papel do esporte na cultura global, a compreensão internacional, a coexistência pacífica e a educação social e moral. (PARRY, 2006, tradução nossa). O autor afirma que Coubertin teria vislumbrado, no final do século XIX, que o esporte estava prestes a se tornar um grande ponto de crescimento na cultura popular, proporcionando um meio de contato e comunicação entre as culturas universais através da atividade física. No entanto, Parry (2006) faz uma ressalva em relação ao aparente paradoxo de requerer que os princípios do Olimpismo permaneçam imutáveis para se resguardarem universais, uma vez que é natural e inevitável que se atualizem ao longo do tempo. Tal movimento constata-se ao observar as nítidas diferenças entre os Jogos Clássicos, o Ideal Olímpico revitalizado por Coubertin no século XIX e a expressão – e suas transformações – do MO na contemporaneidade.

Para contribuir com a discussão, desde a perspectiva da História Cultural, tais princípios, instituições e discursos configuram o que essa teoria entende pelo conceito das representações. (PESAVENTO, 2005). Segundo a autora, conhecer as representações de um período permite compreender a realidade de um tempo passado, uma vez que, sendo construída pelos homens, “são matizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real.” (p. 39). Considerando esta interpretação acerca do paradoxo levantado por Parry (2006), a autora parece apontar na mesma direção ao propor o entendimento dos valores como algo culturalmente relativo e, portanto, não seria possível definir uma ideia universal do Olimpismo.

Por este motivo, muitos autores afirmam que a definição do Olimpismo continua em aberto. Em relação a essa construção, Parry (2006) sugere ser útil entender a diferença entre ‘conceito’ e ‘concepção’ para compreensão do termo. O autor explica que apesar do conceito de Olimpismo apresentar características generalistas, não significa que não possa ser clareado, apenas que estas ideias gerais que orbitam este conceito admitem diferentes interpretações e expressões conforme cada época e região. Isso significa dizer que haverá diferentes concepções de Olimpismo, as quais, por sua vez, interpretarão o conceito de forma a atualizá-lo para determinado contexto em que se vive.

Complementando essa visão, Müller e Messing (2012, tradução nossa) afirmam que uma nova Ideia Olímpica ainda está para renascer ou, ao menos, ser reformada. A

reorientação filosófica parece ser a mais importante<sup>9</sup>. Por esse motivo, Rubio (2007) evidencia a importância do viés filosófico para tratar do Olimpismo, principalmente em sua manifestação educativa e valorativa, não sendo possível dialogar sobre os valores implícitos no Olimpismo sem antes estabelecer as relações que constituíram a base de Coubertin na relação com a pedagogia esportiva. A autora esclarece que, embora sua formação eclética muito influenciou nas concepções teóricas do Olimpismo, houve uma escola de pensamento que se destacou nas postulações acerca da ideia Olímpica como filosofia de vida, com importantes implicações no processo educativo formal, que mais tarde seria a base das suas propostas de reforma educacional para a França. Essa matriz teórica veio através das *publics schools*<sup>10</sup> inglesas. Depois de realizar várias viagens com o intuito de pesquisar o sistema educacional da Inglaterra, Coubertin se identificou com as ideias de Thomas Arnold, que propunha um sistema educacional visando principalmente a formação do caráter, vendo no esporte uma singular ferramenta para este fim. A partir do modelo inglês, pode-se compreender melhor “a determinação de Coubertin de aliar-se a perspectiva de formação por meio da prática esportiva às bases filosóficas do Olimpismo, uma vez que esse modelo educacional assentava sua proposta pedagógica em um sistema de significação de valores.” (RUBIO, 2007, p. 16).

No entanto, parece ser válido levar em conta uma ressalva trazida por DaCosta (1999), ao problematizar a abordagem dos intérpretes para explicar o Olimpismo e a obra coubertiniana, a qual teria sido conduzida por meio do raciocínio indutivo. Essa “metodologia”, segundo o autor, justifica o motivo da maior parte dos intérpretes escolher influências pessoais no pensamento e no comportamento do autor para pesquisar seus fundamentos. Em vista disso, ao se considerar a história como uma construção, para se tratar de um período passado, buscando compreender o olhar do autor de outra época, há que se levar em conta a história das próprias fontes, suas interpretações e contextualizações, reconhecendo que as mesmas serão analisadas a partir de uma visão contemporânea, com sua parcela de subjetividade. (LE GOFF, 1994).

Sem pretender esgotar o tema pois, como visto, essa revisão apresenta um dos enfoques possíveis acerca do Olimpismo e as concepções filosóficas de Coubertin, a próxima seção objetiva investigar como está posto o entendimento da EO a partir da revisão dos trabalhos que abordam o tema.

---

<sup>9</sup> “[...], the new Olympic Idea still remains to be reborn or at least reformed”.

<sup>10</sup> Escolas particulares da Inglaterra do século XIX.

## 2.2 A EDUCAÇÃO OLÍMPICA E A PRODUÇÃO ACADÊMICA

Ao revisar os escritos de Coubertin, não se identifica a utilização do termo EO pelo autor. No entanto, pesquisadores que investigam a temática apontam que a expressão aparece pela primeira vez em pesquisas relacionadas a Educação e aos Estudos Olímpicos na década de 1970, por Norbert Müller, com base nos preceitos pedagógicos extraído dos escritos de Coubertin, como uma proposta de sistematizar uma educação em valores por meio do esporte, embasado no MO. (RUBIO, 2007; MIRAGAYA, 2009; NETO-WACKER, 2009).

Tais desdobramentos conceituais, segundo DaCosta e colaboradores (2005), estão relacionados com o desenvolvimento do campo científico em EO, que ocorreu a partir da década de 1960, quando é criada a Academia Olímpica Internacional (AOI), em 1961, em Olímpia (Grécia). Essa organização, idealizada por Coubertin, traz em seu discurso de fundação, a missão de dar continuidade à produção e disseminação do conhecimento relacionado ao Olimpismo, fomentando, de forma sistematizada, uma pedagogia esportiva com referencial nas propostas de Coubertin.

Conforme DaCosta (2005), estudos acadêmicos produzidos a partir desse impulso da AOI têm caminhado na direção de entender “o Olimpismo como uma filosofia, a proposta de uma antropologia filosófica ou uma ideologia de prática esportiva.” (DACOSTA, 2005, p. 751). Esse conjunto de estudos passou a configurar o foco de pesquisas acadêmicas conhecidas como Estudos Olímpicos, cujo tema de investigação está em analisar o fenômeno esportivo, os JO e/ou MO nas suas variadas manifestações. (DACOSTA, 2005).

Em relação às suas possibilidades de pesquisa,

pode configurar-se tanto em um tema em si quando estuda especificamente os Jogos Olímpicos e o Movimento Olímpico internacional, quanto se servir da dimensão histórica e alcance global do Movimento Olímpico como referência para estudar o fenômeno esportivo e a educação física a partir de diferentes abordagens (histórica, geográfica, econômica, sócio antropológica, pedagógica e outras), comparadas ou não. (DACOSTA, 2005, p. 751).

O autor ressalta que, tradicionalmente, observa-se que ambos os termos – Estudos Olímpicos e Olimpismo – são utilizados como sinônimos tanto no Brasil como no exterior. No âmbito internacional, o desenvolvimento de estudos sobre o esporte no campo das ciências sociais e humanas, nos últimos quarenta anos, tem acentuado a

configuração de uma distinção epistemológica entre ambos, remetendo os Estudos Olímpicos a uma estratégia de abordagem para a produção do conhecimento, enquanto que o Olimpismo se refere aos fundamentos e valores que justificam e orientam a ação dos sujeitos ligados ao esporte em seus múltiplos níveis.

Conforme exposto, a EO é uma das perspectivas de estudo que compõem a área dos Estudos Olímpicos. Norbert Muller, o “autor” do termo, destaca no propósito da EO a ideia de desenvolvimento harmonioso do ser humano por inteiro ao buscar o aprimoramento humano através da alta performance – seja científica, artística, bem como esportiva. Segundo ele, a EO “[...] empenha-se em prover uma educação universal, o desenvolvimento do ser humano como um todo em contraste com a educação cada vez mais especializada encontrada em muitas disciplinas especializadas.” (MÜLLER, 2008, p. 309).

Já Guginsky e Godoy (2007, p. 160) ampliam a discussão ao trazer a ressalva acerca da função da EO ao enfatizarem que

Além de promover os valores de formação moral e ética, deve também ser responsável pela formação de um cidadão consciente, ou na sociedade do espetáculo de um consumidor consciente e não alienado sob julgo de antigas filosofias de Fair Play que mascaram uma realidade que produz uma demanda de produtos esportivos totalmente desconectada de funções educacionais e de promoção de valores humanos.

Ampliando a problematização acerca dos valores, Gomes (2009) salienta que, estes valores ditos olímpicos devem ser trabalhados “através de uma abordagem não doutrinária, dinâmica, contextualizada historicamente e junto à realidade atual” (p. 182).

Para os pesquisadores brasileiros que compilaram a obra *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*<sup>11</sup>, a seguinte definição de EO é apresentada: “A Educação Olímpica é caracterizada por um conjunto de atividades educativas de caráter multidisciplinar e transversal, tendo como eixo integrador os valores olímpicos. Estabelece, assim, uma interface com a filosofia, a pedagogia, a história e a cultura.” (REPPOLD FILHO et al., 2009, p.4). Como exposto por Neto-Wacker (2009) em relação ao fato de não existir ainda uma delimitação do que é EO, seus objetivos e proposta pedagógica para a comunidade acadêmica, se observa que existem muitos projetos de EO no mundo, no entanto, poucos

---

<sup>11</sup> REPPOLD FILHO, A. R. et al. (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 270 p.

vão na direção de promover uma EO a partir dos pressupostos levantados anteriormente, por falta de esclarecimentos em torno da temática.

A respeito da promoção da EO em perspectiva global, Naul (2008) expõe que esta ocorre de maneira estreita ao MO internacional e as agências que o conformam, sob direção do COI. Sendo elas: AOI, Academias Olímpicas Nacionais, Institutos de Educação Superior e Centro de Estudos Olímpicos (CEO). O autor, juntamente com Binder (2012), contribuem para o desenvolvimento da proposta ao apresentar de forma estruturada abordagens didáticas para a aplicação de um projeto pedagógico em EO.

No Brasil, o desenvolvimento dos Estudos Olímpicos como campo acadêmico através da formação induzida de profissionais, tomou corpo a partir do final da década de 1990, quando os pesquisadores brasileiros passaram a participar com regularidade dos eventos da AOI. Neste período, ocorreu o estabelecimento da Academia Olímpica Brasileira (AOB), dos primeiros CEO associados ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bem como a realização de fóruns acadêmicos em Estudos Olímpicos pelo país. (DACOSTA, 2005).

No que tange aos projetos de EO aplicadas em escolas, encontra-se um conjunto de produções que tratam das propostas para o desenvolvimento da EO no país, bem como dos programas efetivamente aplicados, e algumas incipientes diretrizes de avaliação dos mesmos até o ano de 2010. (REPPOLD-FILHO et al., 2009). Após esse período, em especial após os JO Rio 2016, não foram encontradas referências na literatura que atualizem o cenário das produções – e nem dos programas – em EO neste país.



### 3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresenta-se de maneira detalhada os caminhos percorridos para alcançar os objetivos propostos pelo estudo.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

De acordo a natureza do problema deste projeto investigativo e seu objetivo geral, esta pesquisa é classificada com um caráter exploratório, uma vez que se trata de uma familiarização inicial sobre a temática, a partir da qual espera-se obter novas percepções e perspectivas de análise para seguir investigando o assunto. (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007).

Já em relação aos procedimentos para coletar os dados, ou seja, o delineamento do trabalho, o presente estudo é classificado como pesquisa bibliográfica, pois foi desenvolvido tendo como base as referências teóricas já produzidas, buscando conhecer e analisar contribuições culturais ou científicas existentes na literatura. (GIL, 2002). Outro desdobramento de classificação das pesquisas bibliográficas é conhecido no meio acadêmico como “estado da arte”. Segundo Ferreira (2002, p. 258): “elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares (...)”.

Como o estudo objetiva o mapeamento, o qual pressupõe um levantamento numérico, a abordagem da primeira fase da análise contou com apoio quantitativo. (NEVES, 2007). Na etapa seguinte, utilizou-se do componente qualitativo com maior ênfase, compondo o que Thomas (2012) apresenta como método misto. Tal combinação de metodologias no estudo do mesmo fenômeno, segundo Goldenberg (2011, p. 63), “conhecida como *triangulação*, tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo”. A autora enfatiza as vantagens de cada um dos métodos, concluindo que a integração entre ambos complementa os olhares, de forma a enriquecer a compreensão do problema a ser investigado.

A ênfase na abordagem qualitativa foi utilizada para a segunda fase da análise pois, conforme Lakatos e Marconi (2007), esta abordagem se ocupa de analisar e interpretar aspectos mais profundos, fornecendo uma análise mais detalhada sobre hábitos

e tendências do comportamento, sendo amplamente utilizada em pesquisas no campo da Educação.

Sobre a escolha de levantar estado da arte ou estado do conhecimento, Rufino et al. (2016), explicam que tal método tem se constituindo como importante meio de se compreender os delineamentos e desdobramentos acerca da produção científica, pois além de permitir um novo panorama de análise, contribui com a condução de novas perspectivas de investigação para pesquisas futuras.

### 3.2 INSTRUMENTO DE COLETA

Como o presente estudo se classifica como uma pesquisa bibliográfica do tipo estado da arte, a partir das abordagens quantitativa e qualitativa das publicações acadêmicas sobre a temática da EO, as fontes selecionadas para o levantamento foram artigos científicos. Optou-se por excluir textos publicados em anais de congressos e similares, bem como livros e capítulos, devido a grande quantidade existente desse tipo de material e ao menor rigor científico para publicação dos mesmos. Quanto ao recorte temporal, o período selecionado é de 2000 a 2018, uma vez que foi a partir do século XXI que essa temática ganhou ênfase como objeto de estudo dos pesquisadores internacionais e nacionais.

Como o estudo visa abarcar as principais produções científicas no âmbito global, para definição dos instrumentos de coleta de dados, optou-se pela utilização das principais bases de dados bibliográficos eletrônicos conhecidas (e disponíveis), uma vez que estas fornecem uma maior abrangência da produção do conhecimento publicado na atualidade. As bases foram selecionadas a partir das opções disponíveis pela biblioteca da universidade em que a autora está vinculada, pertencentes ao campo das Ciências Sociais, bem como algumas de acesso livre online, que disponibilizassem o texto na íntegra para consulta.

Além das fontes de buscas empiricamente reconhecidas como as mais comumente utilizadas pelos estudantes e professores nas universidades brasileiras, como a plataforma da Scielo (*Scientific Electronic Library Online* – biblioteca eletrônica que abrange uma vasta coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros) e o Google Acadêmico, outro critério adotado para a seleção foi a localização geográfica, de forma a representar os continentes que a revisão de literatura apontou como mais significativos em termos de pesquisa acerca do tema: Europa e continente americano.

Desta forma, selecionou-se as seguintes plataformas para compor o estudo: DOAJ<sup>12</sup> (*Directory of Open Access Journal* – Suécia), Tandfonline<sup>13</sup> (*Taylor and Francis Online* – Londres), DIALNET<sup>14</sup> (Espanha), WOL<sup>15</sup> (*Word Olympic Library* – Suíça) e EBSCO<sup>16</sup> (Estados Unidos).

### 3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA

Definidas as fontes, adotou-se como critério de busca o termo “Educação Olímpica” e sua tradução no idioma espanhol “Educación Olímpica<sup>17</sup>” e inglês “Olympic Education” que estivessem presentes no título do artigo. Essa escolha foi tomada diante da numerosa quantidade de estudos encontrada ao se buscar pelo termo no documento inteiro.

Após o levantamento das publicações, seguiu-se a etapa da “leitura exploratória” que, segundo Gil (2002), se trata de uma leitura inicial a fim de fazer um primeiro reconhecimento do material. Durante essa etapa, os dados foram organizados em uma planilha através do programa Microsoft Excel 2010, com as seguintes categorias:

- Título
- Ano
- Área do conhecimento
- Autores: quantidade, país de origem e instituição
- Revista: nome, país e idioma
- Palavras-chave
- Aplicação em escola

O levantamento destes dados atendem ao primeiro objetivo específico traçado, de realizar um mapeamento das características gerais acerca da produção do conhecimento em EO. Para atender aos demais objetivos, de averiguar quais subáreas da Educação Física estão presentes nas produções acadêmicas e suas relações com o campo, foi realizada uma leitura analítica dos artigos em questão. A finalidade deste tipo de leitura, que é de natureza crítica, conforme Gil (2002), é ordenar as informações de forma que possibilitem obter respostas para o problema de pesquisa.

---

<sup>12</sup> <https://www.doaj.org/>

<sup>13</sup> <https://www.tandfonline.com/>

<sup>14</sup> <https://dialnet.unirioja.es/documentos>

<sup>15</sup> <https://library.olympic.org/>

<sup>16</sup> <https://search.ebscohost.com/Login.aspx>

<sup>17</sup> As buscas com os termos em espanhol e português foram feitas nas bases da Scielo e Google.

Em relação as subáreas da Educação Física, utilizou-se como referência o estudo de Decian et al. (2017) que traz o levantamento das produções acadêmicas em Educação Física, o qual baseia-se em uma das classificações possíveis, neste caso, proposta por Tani (2011), que sugere a divisão em três principais subáreas interdisciplinares do campo:

- Biodinâmica do Movimento Humano: constituída pela Bioquímica do Exercício, Fisiologia do Exercício, Biomecânica e Cineantropometria;
- Comportamento Motor e Humano: Controle Motor, Aprendizagem Motora, Desenvolvimento Motor e Psicologia do Esporte;
- Estudos Socioculturais do Movimento Humano: Sociologia, História, Antropologia, Filosofia, Ética e Estética do Movimento Humano/Esporte.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme Thomas et al. (2012, p. 380), “A análise é o processo de dar sentido aos dados.”. Nessa direção, foi seguida a recomendação do autor de que em se tratando de pesquisas dessa natureza, as análises devem ocorrer simultaneamente à coleta de dados, permitindo que algumas questões sejam mais bem enfocadas e que a coleta de dados seja direcionada com maior eficiência.

Utilizou-se como método condutor a “análise de conteúdo”, visando compreender criticamente o sentido do seu conteúdo manifesto ou oculto e suas significações e desdobramentos. (CHIZZOTTI, 2008). Essa proposta metodológica é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando alcançar, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção das variáveis inferidas dessas mensagens. (BARDIN, 1977). Dentre as técnicas sugeridas nesse método, utilizou-se análise por categoria que está baseada na decodificação de um texto a partir de diversos elementos. Entre as possibilidades de categorização, aplicou-se a análise por temas para a segunda fase da análise. Tal olhar consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira. (RICHARDSON, 1999).

Nesse segundo momento, procurou-se entender a relação das publicações com os campos do conhecimento e, de maneira mais específica, com a área da Educação Física. Assim, a análise se deu a partir da seleção de temas definidos a partir da leitura dos artigos

que, por sua vez, foi norteadada pela classificação das subáreas apresentadas nos tópicos acima.

Os temas selecionados foram: história, valores, filosofia, pedagogia, esporte, saúde, biomecânica, desenvolvimento motor, psicologia e neuropsicologia. Para o cruzamento dos dados e inserção de gráficos, utilizou-se o mesmo programa (Excel) adotado para a tabulação da primeira etapa. A descrição dos resultados obtidos na análise se dará no capítulo seguinte, juntamente com a discussão.

#### 4. DISCUSSÕES E RESULTADOS

A pesquisa resultou em um total de 39 artigos que atenderam aos critérios de delimitação previstos para o estudo. Dentre esses, um mesmo artigo foi encontrado em duas plataformas diferentes (SciELO e DOAJ). Como se tratava de uma produção brasileira, optou-se por contabilizar o artigo na base da SciELO, por ser da mesma região geográfica dos autores. Iniciando o mapeamento a partir das características gerais dos 38 artigos, estrutura-se a apresentação dos dados a partir dos seguintes recortes:

##### 4.1 DISTRIBUIÇÃO POR BASE DE DADOS, LOCALIZAÇÃO, ANO E IDIOMA

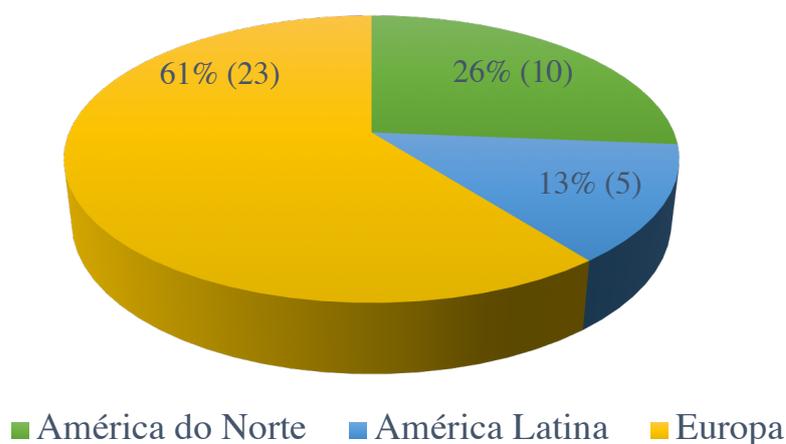
Conhecer a distribuição dos instrumentos de coleta é relevante para identificar a recorrência da temática em cada base de dados, uma vez que tal característica aponta tendências da constituição do panorama científico atual do tema. Como apresentado na metodologia, foram selecionadas as bases de dados que indexam os principais periódicos nacionais e internacionais do campo das ciências sociais e sua representatividade geográfica, de forma a contemplar a produção científica em esfera global. A Tabela 4.1 mostra qual é a distribuição por base de dados e o país de origem correspondente e a representatividade por continente (Figura 4.1), respectivamente.

Tabela 4.1 – Distribuição por base de dados e país de origem correspondente

<b>Base de dados</b>	<b>País</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
EBSCO	Estados Unidos	10	26%
Taylor and Francis	Reino Unido	9	24%
DOAJ	Suécia	7	18%
Google Acadêmico	Brasil (3) e Guatemala (1)	4	11%
DIALNET	Espanha	4	11%
Olympic World Library	Suíça	3	8%
SciELO	América Latina (Brasil)	1	3%
<b>TOTAL</b>		<b>38</b>	<b>100%</b>

Fonte: coleta de dados, 2019.

Figura 4.1 - Distribuição continental das bases de dados.



Fonte: coleta de dados, 2019.

A partir dos gráficos é possível fazer uma primeira inferência acerca da forte prevalência da produção científica (61%) no continente europeu, como já era esperado. Contudo, os dados mostram que a base bibliográfica que mais indexa artigos da temática é a plataforma EBSCO (n=10; 26%), com sede nos Estados Unidos, seguido da base Taylor and Francis, representante do Reino Unido, com nove produções (24%). Na sequência, aparece a base sueca DOAJ correspondendo a 18% (n = 7) das publicações.

Como ilustrado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, a busca pela produção na América Latina – realizada na plataforma Google Acadêmico e Scielo – aparece como a terceira região com maior número de publicações (13%), com cinco artigos. Dentre esses, a pesquisa correspondente ao termo em português retornou com quatro (11%) artigos, mesmo número que a consulta na base espanhola DIALNET, na quarta posição dentre as sete plataformas utilizadas.

Destaca-se o fato das buscas no portal Google Acadêmico ter apresentado resultados pouco expressivos. Ressalta-se que para essa plataforma, optou-se por realizar a consulta utilizando o termo em português e espanhol, a fim de abarcar as produções luso-espanhola, especialmente as brasileiras; outro motivo ponderado foi que a quantidade de resultados para o termo em inglês era muito vasto, ultrapassando o escopo de tempo deste estudo. O fato de adotar-se o idioma inglês nas demais fontes também foi levado em conta a fim de determinar esse caminho, de forma a viabilizar o mapeamento global. É válido também ressaltar que as buscas foram refinadas a partir do critério de conter o termo “Educação Olímpica” e “Educación Olímpica” no título, de forma a

selecionar os artigos com direcionamento específico para a temática. Muitos foram os resultados provenientes quando não se utilizou esse filtro, porém a quantidade reduziu significativamente quando restringe-se pelo título e mais ainda quando seleciona-se apenas os artigos científicos, chegando ao número de quatro artigos.

Segundo DaCosta e Miragaya (2008), dados fornecidos pelas fontes oficiais do COI – através dos CEOs a ele vinculados – trazem que a produção brasileira em Estudos Olímpicos está entre as mais internacionalizadas com relação aos países com maior prevalência em pesquisas nessa área. Dentre os enfoques de maior concentração, a EO foi citada pelos autores, ao lado do perfil e valores dos atletas brasileiros. Além destes, Neto-Wacker (2009) também legitima essa tendência ao afirmar que existe um número expressivo de pesquisadores voltados a ampliar os estudos acerca da EO. Todavia, afirma que “Apesar do grande número de publicações e especialistas que discutem a temática, não existe ainda uma delimitação do que é Educação Olímpica, seus objetivos e proposta pedagógica.” (NETO-WACKER, 2009, p.30). Entretanto, os dados revelam que essa tendência não condiz com os resultados obtidos no levantamento desse estudo, indicando que o tema da EO aparenta não ser muito visado entre os pesquisadores nacionais. Os resultados obtidos pelo presente estudo corroboram as conclusões de Miranda e Mascarenhas (2011), que através do mapeamento dos Estudos Olímpicos publicado nos periódicos científicos nacionais até 2010, constataram que a temática da EO é o assunto de menor expressão entre as pesquisas divulgadas.

Somado a essas percepções, quando consideramos o fato de terem sido fundados, no início da década de 2000, sete Grupos de Pesquisas em Estudos Olímpicos (GPEO) reconhecidos no país<sup>18</sup>, dentre os quais quatro permanecem em atividade desde então e outros novos foram estabelecidos<sup>19</sup>, torna-se ainda mais evidente o desinteresse pelo tema

---

<sup>18</sup> UGF-RJ (coordenador Prof. Dr. Lamartine DaCosta); UFRGS (coordenador Prof. Dr. Alberto Reppold Filho); UFJF (coordenador Prof. Dr. Renato Miranda); UFPR (coordenadora Profa. Ms. Letícia Godoy); USP (coordenadora Profa. Dra. Katia Rubio); PUC/RS (coordenador Prof. Ms. Nelson Todt); FMU/SP (coordenador Prof. Ms. Georgios Hatzidakis); e UFES (coordenador Prof. Dr. Otávio Tavares). (DACOSTA, Lamartine et al. Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p. 751-753, 2005.).

<sup>19</sup> Essa relação pode ser obtida a partir de duas fontes oficiais: a) Diretório de grupo de pesquisas do CNPq que retorna um total de nove grupos com a temática dos Estudos Olímpicos e b) Lista dos Centros de Estudos Olímpicos nomeados pelo COI que apontam os centros ativos do mundo que, para o Brasil, são listados três, atrelados as seguintes instituições: EFES, PUC-RS e UERJ. Para se chegar a listagem final, considerando que os resultados listados no CNPq oferecem margens para desatualizações, recorreu-se a entrevista com o Prof. Nelson Todt, integrante do grupo diretivo da rede internacional de Centro de Estudos Olímpicos do COI, que por meio de informação oral no dia 11 de nov. destacou quais os grupos de pesquisa brasileiros atuantes com produção regular no desenvolvimento dos Estudos Olímpicos no país, a saber (instituição e coordenador): 1.UFRGS (Alberto Reinaldo Reppold Filho); 2.UFS (Marcelo de Castro Haiachi); 3.USP (Katia Rubio);

em termos de produção acadêmica, ao menos no formato de artigo publicado em periódicos científicos. Ressalta-se que um volume mais expressivo de estudos foi encontrado publicado em anais de seminários e eventos científicos semelhantes, bem como em livros, mas que, devido ao menor rigor exigido, foram excluídos da presente análise. Entretanto, não se pode deixar de considerar que tal comportamento indica uma característica de como se estabelece o campo, em que se percebe não haver um interesse acadêmico para com a produção de pesquisas conduzidas dentro do rigor científico atualmente em vigor.

Por outro lado, esses dados podem revelar uma tendência da pesquisa no campo das ciências humanas que, conforme informam Betti et al. (2004), se faz necessário compreender que, tratando-se de estudos nessa área,

(...) o livro/capítulo de livro, muitas vezes, divulga o próprio relatório da pesquisa realizada e é o veículo mais adequado para os trabalhos nessa área que, por sua natureza e características, são, em geral, mais longos e cujo conteúdo ficaria prejudicado se restrito às poucas páginas permitidas nas revistas científicas. Tal não parece ocorrer nas Biológicas ou Exatas, áreas em que o livro costuma ter caráter didático e/ou de revisão; de fato, a proporção de livros/ capítulos é bem menor nessas duas grandes áreas. Particularmente na subárea pedagógica e sociocultural da Educação Física, os livros e capítulos têm tido papel importante porque nela ainda se estão abrindo novas frentes de investigação, nas quais os livros costumam funcionar como referência inicial. Muitos livros resultaram – e muitos ainda resultarão – da publicação de dissertações e teses “pioneiras” na área (p.187).

Tal ressalva se faz necessária pois sabe-se que o trabalho de investigação destes pesquisadores – em sua grande maioria vinculados aos GPEOs nacionais – culminou com a publicação do livro intitulado *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*, o qual reúne 21 textos sobre diferentes perspectivas da EO no país. A obra foi fruto do 3º Fórum de Desenvolvimento do Esporte Olímpico no Brasil e contou com apoio do Ministério do Esporte, sendo publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, organizada pelo professor da instituição, Alberto Reppold Filho, também coordenador de um dos primeiros GPEO estabelecidos no país.

Entretanto, um ponto curioso desse debate, é o fato destas publicações não terem se desdobrado em artigos publicados nas revistas brasileiras (ou internacionais), critério

---

4.PUC/RS (Nelson Schneider Todt); 5.UFGRS (Janice Zarpellon Mazo); 6.UFES (Otávio Tavares) e 7.UERJ (Lamartine DaCosta).

estabelecido pela CAPES para avaliar os programas de Pós-Graduação no país. Quando se considera que um dos requisitos exigidos pelo COI para a candidatura de país-sede aos JO é a existência de um programa de EO, parece razoável supor a existência de um apelo político para a produção de estudos em EO no país, sobrepujando o interesse pela pesquisa científica e pela educação em si. Sabe-se que a construção da postulação brasileira para sediar os Jogos em 2016 teve início, de forma mais estruturada, a partir de 1996 (duas tentativas prévias foram realizadas para as edições de 1927 e 2000 sem sucesso<sup>20</sup>). Nesse mesmo ano (1996), foi lançada a primeira linha de pesquisa em Estudos Olímpicos em uma pós-graduação *stricto sensu* no Brasil pelo Prof. Dr. Lamartine DaCosta<sup>21</sup>, dando início ao fomento da produção acadêmica nacional sobre o tema. Em 1998 veio a oficialização da AOB, tendo como primeiro presidente o próprio Prof. Dr. Lamartine DaCosta, da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro. Outro fato que evidencia essa hipótese está na quase total estagnação das publicações nacionais sobre a temática após os Jogos do Rio 2016 – como pode ser visualizado a partir da Figura 4.2 – contrariando o discurso dos principais pesquisadores no período de postulação à candidatura para 2016, o qual afirmavam que haveria um empuxo nas pesquisas voltadas para a temática após a realização do megaevento olímpico. (TAVARES; ABREU, 2011).

Esse apelo político também é evidenciado por Rubio (2010) que entende que a escolha da capital carioca representou a concretização de um posicionamento estratégico, aproximando política e esporte, corroborando com a visão de Vigarello, em âmbito internacional sobre o esporte moderno, ao afirmar que “o esporte é necessariamente político.” (VIGARELLO apud RUBIO, 2010). A autora também apresenta outro vestígio a ser considerado nessa discussão que foi a aprovação do Ato Olímpico pelo poder legislativo, em setembro de 2009, oferecendo as garantias governamentais para a realização dos JO e Paraolímpicos na cidade do Rio de Janeiro em 2016. (RUBIO, 2010). Tais evidências confirmam a tendência de aproximação dos Jogos com a política, embora tanto na Carta Olímpica como nos discursos dos agentes pertencentes ao MO essa aproximação seja negada ou mesmo indesejada.

---

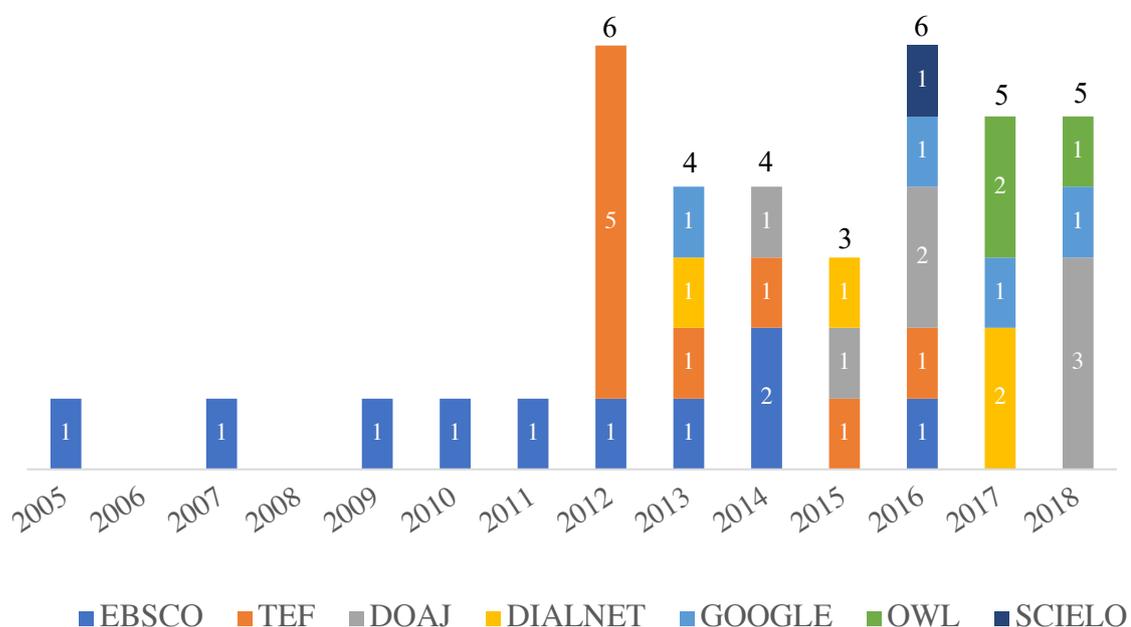
<sup>20</sup> Para saber mais a este respeito, sugere-se a consulta do artigo “Postulações Brasileiras aos Jogos Olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e movimento olímpico.” (RUBIO, 2010).

<sup>21</sup> Fonte: DACOSTA, Lamartine et al. Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p. 751-753, 2005.

Em relação a distribuição anual, conhece-la é relevante para o estudo pois ao identificar a recorrência de uma temática ao longo de um período de tempo pode apontar indícios das tendências das reflexões acadêmicas. A Figura 4.2 demonstra a distribuição dos artigos conforme ano de publicação, segmentado por base bibliográfica.

Apesar do recorte inicial do estudo prever mapear a produção no período de 2000 a 2018, como não houve resultados até o ano 2005 – o que por si só já é uma informação a ser analisada – optou-se por iniciar o gráfico a partir de 2005, para facilitar a visualização da informação.

Figura 4.2 – Número de artigos publicado por ano e por base bibliográfica.



Fonte: coleta de dados, 2019.

A partir desse gráfico, observa-se que artigos sobre a temática começaram a ser produzidos em 2005 com uma frequência bianual (2005, 2007 e 2009); a partir de 2009, passou-se a produzir ao menos um artigo por ano, apresentando uma produção mais expressiva e regular a partir de 2012. Aprofundando o aspecto do início das publicações terem ocorrido a partir de 2005, é plausível supor que esteja relacionado com a nomeação, pela União Europeia, do ano 2004 com o lema “Educação através do Esporte<sup>22</sup>.” A comunidade europeia fomentou a realização de eventos, pesquisas e diálogos com o

<sup>22</sup> Neto-Wacker (2009) traz como referência os sites com informações adicionais sobre o evento: [www.ejes2004.de](http://www.ejes2004.de) e [www.isfports.org](http://www.isfports.org)

objetivo de discutir o papel do esporte como fator educacional. Até 2011, os cinco artigos encontrados foram publicados através da plataforma EBSCO (Estados Unidos), sendo que somente a partir de 2013 se observa uma diversificação quanto as bases indexadoras, já que em 2012, das seis produções identificadas, cinco delas estão concentradas na base britânica Taylor and Francis e uma na plataforma EBSCO.

Com base nisso, cabe discutir o que pode se perceber sobre o campo acadêmico a partir daquilo que Bourdieu (2004) identifica como parte constituinte do *habitus* de um campo; tal *habitus* funciona como regras práticas que se constroem conforme as normas da ciência em conflito com as estruturas do próprio campo. Estes, não se apresentam como estruturas fixas, mas como produtos da história, possuindo ao mesmo tempo propriedades universais e características próprias, influenciadas por *doxas* consensuadas e consensuais que acabam por regular a luta pela dominação e manutenção do campo. (LAZZAROTTI FILHO et al., 2012). Ainda que não seja possível definir com clareza as normas científicas em questão, ou os motivos para tais, os dados encontrados revelam indícios de uma alternância nos meios preponderantes de publicação do conhecimento com o passar dos anos. A partir de 2012 percebe-se um crescimento no total de publicações anuais, em que pelo menos três artigos sobre EO são publicados em periódicos científicos em esfera global. Neste recorte de 14 anos, encontra-se uma média de 2,8 publicações por ciclo anual, não constando produções apenas nos anos 2006 e 2008. Os períodos predominantes foram 2012 e 2016 com seis publicações cada (16%), seguido de 2017 e 2018 com cinco (13%). A ênfase nestes anos permite estabelecer uma relação entre o aumento na produção e a realização dos JO de Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016).

Outro dado que corrobora para essa relação é que cinco das seis publicações de 2012 são provenientes da plataforma Taylor and Francis, base que concentra publicações do Reino Unido. Também valida essa associação o fato de os dois únicos artigos publicados após os Jogos de Atenas, em 2004, na Grécia, terem sido realizadas por pesquisadores gregos, em 2005 e 2007. Ambos estudos dizem respeito a aprofundar a compreensão acerca das ações em EO realizadas após os JO de Atenas.

De maneira análoga, dentre os seis artigos publicados em 2016, três deles foram realizados no Brasil e correspondem à maioria das pesquisas publicadas pelo país. Além disso, quando analisamos o conteúdo das publicações de 2012 e 2016, que somadas totalizam 11 estudos, percebe-se que a maioria trata de questões pertinentes as iniciativas em EO decorrente em função da candidatura ou realização dos Jogos. Encontramos

apenas quatro artigos de cunho teórico-conceitual, sendo os sete restantes relacionados à programas de EO, no formato de relato de aplicação. Dentre esses, apenas um estudo não pertencia ao contexto escolar, confirmando a constatação de Tavares (2008), através do seu trabalho de mapeamento dos programas em EO, de que existe uma preocupação em tentar articular os programas de EO ao sistema escolar.

Segundo Futada (2007), os programas de EO podem variar em termos de forma, tipo e grau de institucionalização, bem como na abordagem dos conteúdos pedagógicos, dos temas e das atividades. Estas iniciativas podem estar presentes em diferentes campos sociais (escolas, clubes, projetos sociais, entre outros); com diferentes propostas de duração (temporária, permanente, intercalada) e vinculadas a diferentes tipos de institucionalização (governamentais, não governamentais, internacionais).

Como elucidado, programas de EO não estão restritos às ações promovidas pelo COI. No entanto, conforme Naul (2008), a maioria das iniciativas atuais estão vinculadas à essa instituição. Possivelmente, a exigência de ações em EO para sediar os Jogos expliquem essa aproximação. Como evidenciado, os resultados encontrados reforçam esse cenário. Em contrapartida, quanto ao fato de não terem sido encontradas publicações em 2008, quando realizou-se os Jogos Olímpicos em Pequim (China), uma explicação plausível diz respeito as bases selecionadas serem de origem ocidental, bem como pela barreira linguística, já que as buscas foram feitas em inglês, espanhol e português. Por outro lado, o artigo publicado em 2009 trata-se de um estudo desenvolvido por pesquisadores japoneses analisando o programa de EO implantado na China em função dos Jogos, o que fortalece a evidência de correlação da realização das Olimpíadas e a produção científica sobre a temática.

Outra possível inferência a ser feita a partir dos dados é considerar o fato de terem sido publicados cinco artigos em 2017 e cinco em 2018, anos não olímpicos, podendo indicar uma crescente na produção científica sobre a temática. O fato de o volume da produção ter sido constatado com maior ênfase a partir de 2012 pode sugerir que os estudos acadêmicos em torno da temática ainda são relativamente recentes no meio acadêmico.

No Brasil, como fora detalhado, o fomento às pesquisas em Estudos Olímpicos ganhou força a partir do ano 2000; no entanto, pelo que os resultados mostraram, aparentemente tais esforços transcorreram em publicações apenas a partir de 2013 (n=1), seguida de três em 2016 (ano olímpico sediado no Rio de Janeiro) e uma em 2018. Todavia, levando em conta as características do campo científico brasileiro, foi feita uma

consulta inicial em dissertações e teses através do Portal de Periódicos CAPES<sup>23</sup>, no qual um total de cinco estudos sobre EO foram revelados, sendo quatro em nível de mestrado e um em nível de doutorado. Entretanto, destaca-se o fato de não terem sido encontrados artigos gerados a partir destas obras publicados em revistas científicas – critério exigido pelos programas de pós-graduação –, já que as mesmas não foram localizadas nas bases de dados procuradas. Esses dados podem reforçar a hipótese apresentada por Betti et al. (2004) acerca da característica das pesquisas em Ciências Sociais.

Outro dado analisado foi o idioma das publicações dentro do recorte temporal; como era esperado a partir dos primeiros dados coletados – origem das publicações correspondente a busca pelo termo inglês – pode-se constatar a sobrepujança deste idioma, correspondendo a 77% (n = 30) do total das publicações, conforme explícito na Tabela 4.2. A produção luso-espanhola tem início a partir de 2013 e demonstra estar presente desde então no cenário internacional, contribuindo com ao menos uma publicação nesse idioma com frequência bianual. Outro ponto válido de observar está na relação de estudos em português (n=3) frente ao total de pesquisas realizadas no Brasil (n=5). Essa divergência na quantidade de publicação em língua nacional nos permite observar uma tendência dos pesquisadores brasileiros de publicarem em periódicos internacionais, no idioma inglês. Esse comportamento pode ser explicado a partir dos critérios de avaliação do sistema de avaliação da CAPES em relação aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em que a produção de artigos dos discentes e egressos são componentes significativos, com pesos distintos para publicações em revistas internacionais e nacionais. (CAPES, 2013). Isto é, pode-se pensar e analisar tais informações novamente a partir do *habitus* do pesquisador que compõe o campo acadêmico e o seu *modus operandi* que os dados podem indicar, diferindo a relação entre artigos – nacionais e internacionais –, teses e dissertações. (FARIAS et al., no prelo 2020).

Tabela 4.2 – Distribuição das publicações por idioma.

Ano/Idioma	INGLÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
2005	1		
2006			
2007	1		

<sup>23</sup>A sigla CAPES significa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do país (PORTAL DE PERIÓDICOS, 16/04/2019).

2008			
2009	1		
2010	1		
2011	1		
2012	6		
2013	2	1	1
2014	4		
2015	2	1	
2016	5		1
2017	2	3	
2018	4		1
<b>TOTAL</b>	<b>30 (77%)</b>	<b>5 (13%)</b>	<b>3 (8%)</b>

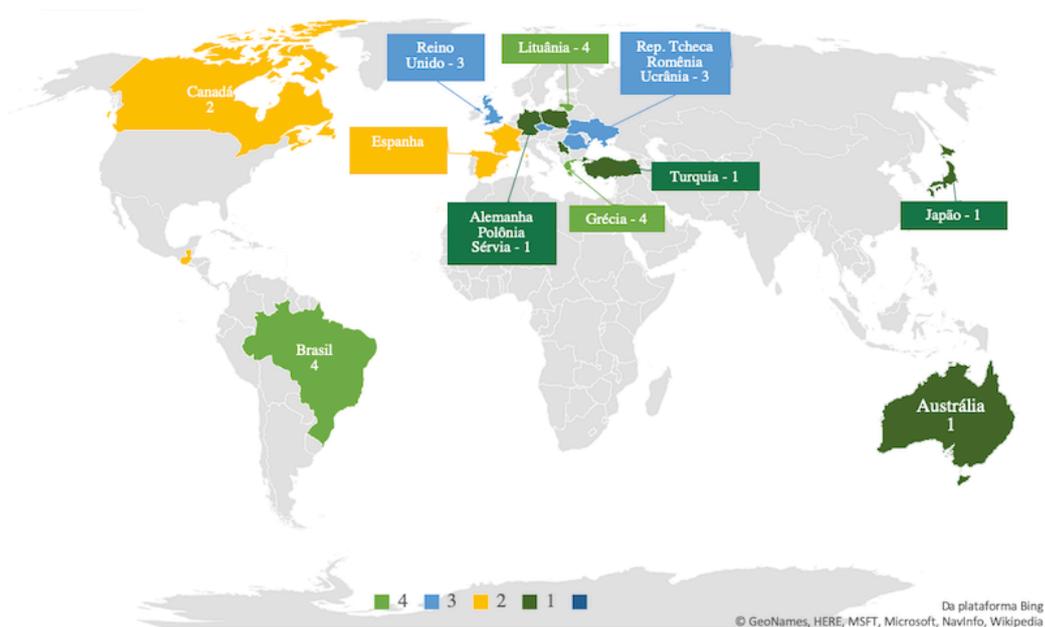
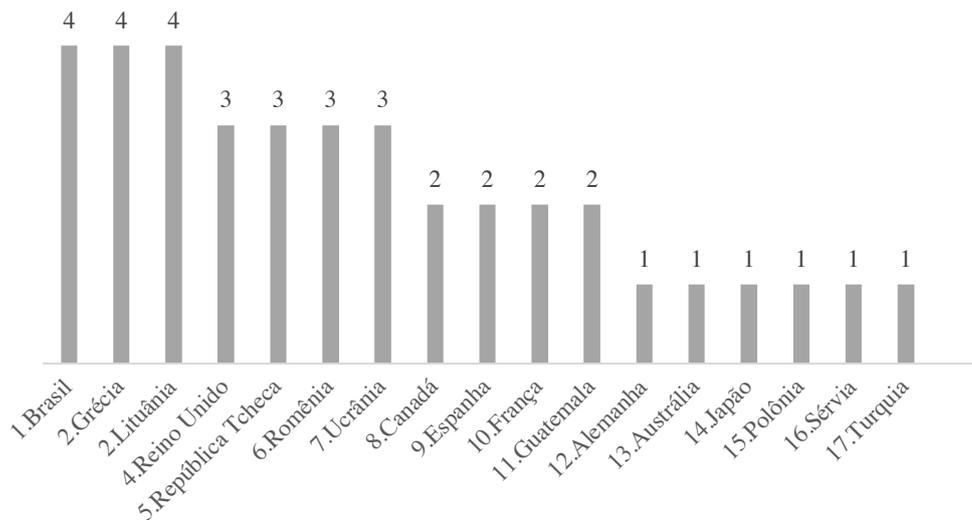
Fonte: coleta de dados, 2019.

Por outro lado, podemos sugerir que existe a preocupação quanto ao alargamento do conhecimento científico, dado que os estudos brasileiros publicados em português, continham resumos em idiomas considerados universais – inglês e espanhol. Essa preocupação de disseminação do conhecimento, por meio da divulgação dos estudos em idiomas diversos, implica, no desenvolvimento do campo acadêmico e, simultaneamente, no estabelecimento do *modus operandi* dos agentes que a ele pertencem.

#### 4.2 DISTRIBUIÇÃO POR PROCEDÊNCIA TERRITORIAL DAS INSTITUIÇÕES PROVIDORAS DA PESQUISA

Outro dado que revela e enriquece a configuração do panorama de pesquisa no cenário global está em analisar em quais locais estas pesquisas estão sendo produzidas. Para se obter essa informação, uma vez que a maioria advém de trabalhos coletivos, cujo autores são, na maior parte dos casos, provenientes de instituições e até mesmo de países distintos, adotou-se como critério o local de vínculo do primeiro autor. No gráfico seguinte (Figura 4.3), pode-se visualizar a repartição dos países dentre as 38 publicações e sua localização geográfica; constatando que a mesma está distribuída por 17 nações.

Figura 4.3 – Procedência territorial das instituições provedora da pesquisa.



Fonte: coleta de dados, 2019.

Os países que se destacam em termos de quantidade de produção são o Brasil, Grécia e Lituânia, com quatro publicações cada. Na sequência, há quatro países (Reino Unido, República Tcheca, Romênia e Ucrânia) que contribuem com três estudos cada, sendo que apenas o Reino Unido não faz parte do Leste Europeu.

O fato do Brasil despontar como um dos país predominantes dentre o número de publicações, levanta as seguintes possibilidades: em uma primeira instância, que a produção europeia é pulverizada, distribuída entre 12 países, não havendo uma concentração em um único país; e, em um segundo olhar, que esse número pode refletir a subjetividade da autora, enquanto pesquisadora brasileira, que inevitavelmente segue as

bases da tradição da pesquisa deste local, tendo uma parcela de influência cultural, na identificação destes dados.

Os dez países seguintes contribuem com duas ou uma publicação cada, representando quase a totalidade dos continentes, com exceção da África. Nesse grupo encontram-se os países classificados como nações desenvolvidas<sup>24</sup> em termos socioeconômicos – Espanha, França, Canadá, Alemanha, Japão e Austrália – os quais contribuem com um total de 12 publicações (32%). Ao analisar o viés abordado por tais estudos, observa-se que cinco deles são pesquisas de cunho teórico, versando acerca das perspectivas filosóficas e conceituais do Olimpismo. O restante das produções diz respeito à experiências práticas com programas de EO aplicados em seis países: Brasil, Taiwan, China, Espanha, França e Inglaterra (com dois trabalhos). Ressalta-se que os estudos realizados na França e Inglaterra foram provenientes dos Jogos de Londres, em 2012, publicados em revistas britânicas.

Sobre essa perspectiva, somado a forte presença de países provenientes do Leste Europeu no panorama das publicações mundiais, tais resultados podem indicar vestígios de que o tema da EO é mais fomentado em países com menor desenvolvimento econômico e social<sup>25</sup>, possivelmente sob o viés do esporte e da Educação Física como instrumento político de redução da marginalidade, discriminação e violência. (RODRIGUES, 2009; ARIMANI, 2017). Em um levantamento feito pela Universidade Autônoma de Barcelona, sob encomenda do COI, listou-se um total de 21 programas de EO em atividade no mundo atualmente<sup>26</sup>. Dentre esses, apenas cinco se enquadram enquanto países desenvolvidos. Nota-se que o Brasil não aparece na relação – atualizada anualmente –, indicando que não foi dada continuidade as iniciativas lançadas em 2003, no período de postulação, uma vez terminado os JO no Rio de Janeiro em 2016.

Outro ponto observado foi o cruzamento entre a origem territorial das bases indexadoras e os países das instituições fomentadora das pesquisas. Ao agrupar os dados por continentes (Figura 4.4), visualiza-se com clareza que se mantém a preponderância

---

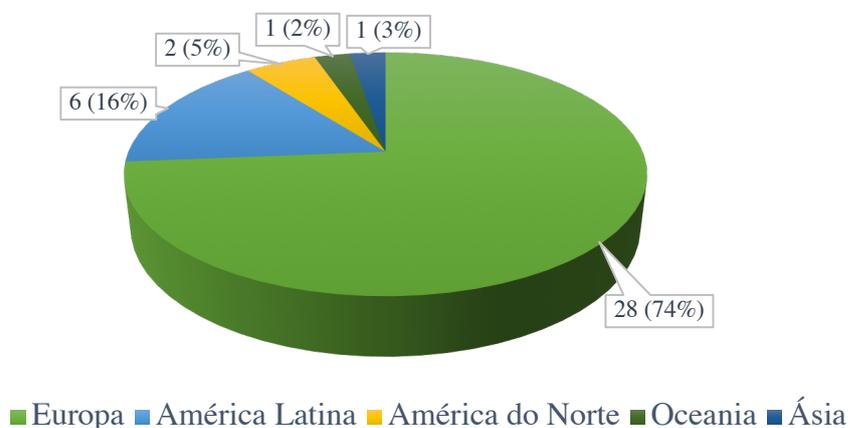
<sup>24</sup> Classificação de acordo aos critérios estipulados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>25</sup> Maiores detalhes quanto a essa classificação podem ser visualizado em: <https://www.imf.org/external/datamapper/NGDPDPC@WEO/OEMDC/ADVEC/WEOWORLD/EEQ> e <https://www.usnews.com/news/best-countries/quality-of-life-rankings>.

<sup>26</sup> A relação dos países e programas pode ser encontrada no sítio do COI (<https://www.olympic.org/olympic-values-and-education-program/initiatives>) Austrália, Chipre, Polônia, Seychelles, Singapura, Eslovênia, Tajiquistão, Dominica, Turquia, Ucrânia, Burundi, Estônia, França, Canada, Reino Unido, Guatemala e Nova Zelândia. Acesso em 09 nov. 2019.

do continente europeu também enquanto fomentador das pesquisas, com 74% (n = 28) de representação, como era esperado.

Figura 4.4 – Distribuição continental das instituições provedoras das pesquisas.



Fonte: coleta de dados, 2019.

Como visto na Tabela 4.1, a plataforma que mais concentra artigos da temática é a base norte-americana EBSCO, com 10 publicações. Em contrapartida, não foram localizados estudos provenientes dos Estados Unidos. Ampliando o olhar para esses estudos, vemos que sete das pesquisas provém de países do Leste Europeu, dois da Grécia e um do Japão. Esse comportamento pode reforçar a tendência do campo – especialmente da região leste da Europa – de busca pela disseminação do conhecimento científico em esfera internacional, publicando estudos no idioma inglês.

Outra possibilidade para não terem sido encontrados artigos publicados nos EUA se dá pelas bases escolhidas não contemplarem o *habitus* do pesquisador norte-americano, ou então que essa temática não é abordada com o rigor da revisão por pares, em revistas científicas, já que uma quantidade significativa de documentos advindos do país não atenderam a esse critério e foram descartados.

### 4.3 ÁREAS DO CONHECIMENTO E RELAÇÕES COM O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Outro objetivo específico almejado para o presente estudo foi averiguar em quais áreas do conhecimento se encontram essas produções, bem como sua aproximação com a Educação Física, verificando-se em quais subáreas do campo estão presentes nestas

produções acadêmicas. Para tanto, após a tabulação dos dados com as informações gerais de cada texto conforme as categorias estipuladas, foram analisados os resumos de todos artigos a fim de identificar as áreas do conhecimento abordadas. Na sequência, cruzou-se os dados por meio de estatística descritiva.

Como esperado para pesquisas desta temática – propriamente evidenciada pelo nome “Educação Olímpica” – observou-se que 100% dos estudos relacionam-se com o campo da Educação. Dentre esse universo, 18 (47%) deles possuem ligação com a Educação Física. A fim de aprofundar no conhecimento deste campo e mapear as subáreas envolvidas, adotou-se a classificação em três subáreas, cuja distribuição dos temas e suas respectivas subáreas encontrados após a análise dos 38 textos podem ser observadas na Tabela 4.3 a seguir.

Tabela 4.3 – Distribuição por subáreas e temas da Educação Física.

<b>SUBÁREA</b>	<b>TEMA</b>	<b>N.</b>	<b>% (n=38)</b>	<b>TOTAL</b>
<b>ESTUDOS SOCIOCULTURAIS DO MOVIMENTO HUMANO</b>	Pedagogia	7	18%	66
	História	15	39%	
	Filosofia	9	24%	
	Valores	35	92%	
<b>BIODINÂMICA DO MOVIMENTO HUMANO</b>	Esporte	30	79%	48
	Saúde	18	47%	
	Biomecânica	0	0%	
<b>COMPORTEAMENTO MOTOR E HUMANO</b>	Desenvolvimento motor	1	3%	4
	Psicologia	3	8%	
	Neuropsicologia	0	0	

Fonte: coleta de dados, 2019.

Tais dados permitem concluir que a subárea prevalente corresponde aos estudos socioculturais do movimento humano, com 66 aparições. Dentre elas, destacam-se as temáticas dos valores, aparecendo em 92% (n = 35) do total dos artigos analisados, seguido da História, correspondendo a 39% (n = 15) dos resultados. O tema com maior presença, dentre todas subáreas, foi “valores”, não sendo abordado em apenas três artigos, seguido do “esporte”, com presença em 30 (79%) estudos. Considerando a diferenciação de conceitos proposta por DaCosta (2005) entre Estudos Olímpicos como abordagem de produção do conhecimento e o Olimpismo como à esfera valorativa, os números apontam

que a temática do Olimpismo ocupa uma das representações centrais dentre as publicações. A ênfase constatada na temática dos valores e do esporte corrobora com o que indica a literatura, ao estabelecer que não é possível considerar a prática esportiva apenas como um esforço físico ou conjunto de habilidades motoras desprovidas de uma dimensão valorativa. (TODT, 2005; MULLER, 2008; DACOSTA, 2009; CAMINHA, 2009; RUBIO, 2009;).

Esse resultado também reforça a direção apontada pelos pesquisadores da área quanto a definição de EO, que tem na prática esportiva o instrumento central de vivências pedagógicas, em suas diferentes abordagens educativas. (RUBIO, 2007; MIRAGAYA, 2009; NETO-WACKER, 2009). Tal perspectiva, segundo o próprio fundador do MO, parte do princípio que a prática esportiva não é naturalmente educativa, necessitando de um conjunto de valores e didática que a norteie, conforme as palavras de Coubertin:

Ainda agora, como no passado, se seus efeitos [do esporte] serão benéficos ou prejudiciais, depende de como ele é tratado, e da direção para qual ele é apontado. A atividade atlética pode incitar as mais nobres assim como as baixas paixões. Ela pode alimentar abnegação e honra, ou o amor pelo ganho. Ela pode ser cavalheiresca ou corrupta, humana ou bestial. Finalmente, ela pode ser usada para solidificar a paz ou preparar para a guerra. (MULLER; TODT, 2015, p. 535, grifo nosso).

O resgate histórico percorrido aponta que desde o início da criação do MO, o ideário olímpico foi proclamado em torno de valores universais, enfatizando o papel do esporte como uma linguagem internacional, capaz de promover a coexistência pacífica entre povos e uma educação social e moral, aproximando a comunicação entre diferentes culturas. (PARRY, 2006). Com isso, conforme aponta Abreu (2008, p. 358), “(...) os Jogos Olímpicos modernos tiveram sua origem sob uma perspectiva multicultural apesar de sua filosofia e pressupostos históricos terem raízes no pensamento ocidental.” No entanto, a autora apresenta que essa proposta de EO proclamada em torno de valores universais considerados comuns a toda as culturas é tida como um modelo tradicional, contrariando uma proposta mais plural que questiona a universalidade dos valores preconizados pelo padrão olímpico ocidental.

De modo geral, a análise dos valores abordados nos artigos encontrados – ainda que um olhar mais aprofundado se faz necessário para ampliar suas abordagens – convergem para os três valores fundamentais do Olimpismo apresentados pelo COI, a saber: Excelência, entendida como fazer sempre o melhor possível, em todos os aspectos

da vida, valorizando a participação, mais do que a vitória; Amizade, entendida como a compreensão do esporte como um instrumento para o entendimento mútuo entre as pessoas de todo o mundo; Respeito, compreendido como o respeito pela própria pessoa, seu corpo, as outras pessoas, o esporte, suas regras e regulamentos e o meio ambiente. (COI, 2018). A partir desse olhar, a EO que está estabelecida demonstra ser um veículo de propagação dos valores do MO, tido como universais, no intervalo de quatro anos entre uma edição e outra dos JO de Verão, sob um discurso educacional. Uma consideração importante a respeito disso foi publicada por Tavares (2008), que ao observar um afastamento entre discurso e prática, “sugere que a assumida centralidade da missão educacional do MO baseia-se numa visão difusa do valor educacional do esporte e na evidência concreta de que o COI não é uma instituição educacional.” (p. 343). Na prática, conforme levantamento realizado pelo autor, estima-se que o assunto EO corresponde a cerca de 1% das páginas publicadas nos documentos e relatório oficiais.

Já em relação à História, ancorado no pensamento de De Mello (1997), pode-se compreender a contribuição desse campo do conhecimento como um dos conteúdos da Educação Física, uma vez que o estudo dessa ciência faz com que os professores busquem conhecer seu campo de atuação historicamente, que por sua vez é essencial ao papel enquanto educador. Lovisolo (2011) corrobora nessa direção ao afirmar que disciplinas de história, sociologia, antropologia e filosofia permitem que o educador conheça o contexto histórico e social de seus educandos, bem como suas motivações, visto que o educador físico é responsável pelo processo de formação, seja ele educacional, desempenho, lazer ou estético. Diante dos demais campos do conhecimento, De Mello (1997) aponta que a História contribui de maneira importante na compreensão da sociedade, uma vez que “entre as ciências sociais, a História tem se apresentado entre as que mais tem procurado o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia e a Lingüística, delineando o que tem sido chamado de História Cultural.” (p. 58).

Ao estudarmos a História, voltamos nossos olhos ao passado com vistas a possíveis influências no tempo presente. Assim, se queremos entender o que ocorre hoje, é essencial observar o passado. Não se trata, portanto, de uma História Intelectual, como pontuam Pesavento, Santos e Rossini (2008), mas de propor justamente pensar a cultura como um conjunto de significados comuns, construídos pelos homens para explicar o mundo. Ademais, estudos historiográficos permitem reconhecer as características do objeto e perceber as mudanças e configurações no decorrer histórico, levando em conta,

como ressalta Chartier (1994), que toda construção de interesses pelos discursos é ela própria socialmente determinada.

Apesar do tema esporte estar classificado na subárea da biodinâmica do movimento humano, quando considera-se que apenas 18 estudos foram classificados enquanto âmbito da saúde – isto é, para fins da classificação estabelecida, desde a perspectiva da orientação biológica da Educação Física – nota-se que a abordagem das práticas esportivas presentes nos artigos não são, em sua maioria, abordadas com esse viés. Desde uma perspectiva multicultural, construída historicamente, conforme aponta Gomes (2009), a vida biológica humana é influenciada pelo advento da cultura, sendo a prática esportiva um exemplo dessa transformação – construída, vivenciada e influenciada na interação entre as pessoas, refletindo seus valores e gerando novos.

Assim, considerando que o MO possui mais de 100 anos de existência, presente desde o final do século XIX, apresentado como uma restauração de uma proposta ancorado em tempos ainda mais remotos, é essencial lançar um olhar histórico para entender e seguir acompanhando essa prática em transformação. Adicionalmente, outra constatação revelada diante das temáticas contempladas nos estudos analisados é o carácter multidisciplinar da EO, conforme indicado na literatura. A definição apresentada por Reppold Filho et al. (2009) retrata o cenário ao apresentar a EO como sendo atividades educacionais de carácter multidisciplinar, estabelecendo interface com a filosofia, pedagogia, história e cultura, a partir dos valores como eixo integrador.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas estruturadas pela metodologia Estado da Arte possibilitam compreender como se comportam a ocorrência de publicações sobre determinado fenômeno, seus delineamentos e desdobramentos. Os dados provenientes desses estudos, embora apresentados sobre determinados recortes, permitem uma possibilidade de panorama de visão e análise, bem como podem contribuir com a condução de novas perspectivas a serem investigadas. Analisar as produções em EO e os entrecruzamentos com as bases indexadoras, instituições, idiomas e origens territoriais podem sugerir as forças e tendências do *modus operandi* do campo e, por sua vez, revelar o *habitus* do pesquisador que dele faz parte.

De modo geral, os artigos apontam que a Europa se destaca na concentração das publicações quanto às bases indexadoras, bem quanto às instituições provedoras da pesquisa; tal produção passou a ocorrer com maior regularidade e volume a partir de 2012, indicando que as publicações científicas no formato de artigos sobre EO são relativamente recentes no meio acadêmico, com indícios de ascensão. Como esperado por ser o idioma adotado pela ciência atualmente, além do segundo mais falado no planeta, prevaleceram-se os artigos publicados em inglês, seguidos do espanhol e do português.

Quanto ao local onde as pesquisas são produzidas, constatou-se que os 38 artigos encontrados estão distribuídos em 17 países, indicando a pulverização quanto à origem territorial. No entanto, identifica-se a predominância da região do Leste Europeu, juntamente com o Brasil, que se destacam em número de publicações realizadas em universidades nacionais. Uma maior investigação se faz necessária para compreender os motivos para a predominância neste local, bem como as relações entre esses países.

Os dados apontaram uma forte influência da política nas produções sobre a temática. Também ficou perceptível que existe uma relação direta quanto ao aumento das publicações e a realização dos JO, cujas abordagens apresentam, em sua maioria, propostas de aplicação predominantemente no campo escolar, através de relatos de experiências práticas sobre iniciativas em EO. Estas, por sua vez, vão ao encontro com a literatura quando identificou-se que a maior parte dela está vinculada às instituições oficiais do MO.

Em relação às áreas do conhecimento, confirmou-se a expectativa de que todos os textos pertencem ao campo da Educação, dentro os quais, quase a metade possui ligação

com a Educação Física, sendo possível constatar o carácter multidisciplinar da EO, quando se analisa as temáticas abordadas nos artigos. No que diz respeito às subáreas presentes na abordagem da EO, destacam-se as componentes dos ‘estudos socioculturais do movimento’. Os temas de maior prevalência foram “valores” e “esportes” – como também já era esperado conforme apontado no levantamento da literatura – seguido da História. Esse resultado reforça a direção apontada pelos pesquisadores da área que explicam ser a prática esportiva, em sua esfera valorativa, o instrumento principal de vivências pedagógicas em EO. Tais valores universais, proclamados pelo Olimpismo, ainda que um olhar mais aprofundado seja necessário para tratar o tema na cultura atual, nos convidam a refletir sobre as representações que estes ocupam na sociedade contemporânea e no imaginário que a compõe – sobretudo suas repercussões no âmbito escolar, diante da magnitude que o fenômeno esportivo ocupa por meio dos megaeventos em esfera global.

Perante a complexidade do assunto, especialmente quando relacionada à Educação, ciente de que o presente trabalho não se propôs a aprofundar essas implicações diretamente, mas compreendendo a necessidade da pertinente discussão em estudos futuros, destaco a contribuição que a multiplicidade do olhar histórico – ao considerar as fontes como construções históricas, com seus discursos, sensibilidades e contradições – pode oferecer na compreensão do presente e na transformação do futuro. E nesse sentido, reforço a importância de conceber a EO enquanto conteúdo educacional de maneira estruturada – com isso me refiro à necessidade de gerar as condições, tanto de ambiente, como de preparo do educador – e integrada aos pressupostos pedagógicos da instituição em questão, abordada de forma contextualizada historicamente e criticizada. Também destaco a importância de partir de uma concepção integral do indivíduo, em todas suas dimensões de relação com o mundo.

Ao considerar que entre as funções da educação está a formação do indivíduo e do cidadão é impossível evitar a ideia de que todas estas questões têm importantes componentes valorativos. Contudo, permanece como grande desafio a integração de uma educação em valores às propostas pedagógicas. A Educação Física, através do seu conteúdo do ensino dos esportes – enquanto expressão da cultura humana e um “meio” para transmissão de valores por excelência – tem muito a contribuir para esse ofício podendo se tornar um agente protagonista nessa missão educativa. Contudo, esse processo passa pelos questionamentos de *quais* valores (de qual natureza) ensinar? *Como*

(perspectivas metodológicas e concepção de esporte), *por quem* (competência formativa) e *por quê* (finalidades educacionais)?

Finalmente, como sugestões para prosseguir aprofundando no conhecimento do tema, propõem-se explorar elementos que não foram analisados no presente trabalho, mas cuja coleta de dados possibilita posteriores estudos: verificar sobre as características e vínculos dos autores, bem como das revistas em que os artigos foram publicados. Além disso, sugere-se adentrar nas metodologias vigentes de EO no contexto escolar e entender como e sobre quais perspectivas tais iniciativas têm sido aplicadas nos currículos. Também considera-se que enriqueceria a análise identificar as concepções das abordagens teóricas em relação à Educação Física nas iniciativas encontradas. Outra possibilidade de estudo, é realizar uma pesquisa em livros publicados no Brasil no período anterior aos JO do Rio de Janeiro. Por fim, outra análise que possibilitaria esclarecer acerca das transformações dos valores olímpicos ao longo do tempo está em interpretar as versões das Cartas Olímpicas desde sua fundação até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, N. G. Rumos e Necessidades da Educação Olímpica Multicultural na Perspectiva dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. *In: DACOSTA, L. P. et al.* (ed.). **Legado de megaeventos esportivos**. Brasília: CONFEF, 2008, p. 357-366.

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JUNIOR, W. From sport's "origins" in England to the Olympic Games idealized by Coubertin: an overview of the academic literature in english. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 26, n. 3, p. 495-504, 2015.

ARIMANY, A. Una propuesta de educación olímpica en el ámbito extracurricular de educación física. **Ciencias Sociales y Humanidades**, Guatemala, v. 2, p. 117-127, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTI, M. *et al.* A avaliação da educação física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, São Paulo, n.1, p. 183-94, 2004.

BINDER, D. L. Olympic values education: evolution of a pedagogy. **Educational Review**, v. 64, n. 3, p. 275-302, 2012.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

CAMINHA, I. O. Corpo, esporte e Educação Olímpica. *In: REPPOLD FILHO, A. R. et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 59-68.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-114, 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2008.

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL-COI. **Carta Olímpica**. Lausanne: Comité Olímpico Internacional, 2018. Disponível em: [https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/ES-Olympic-Charter.pdf#\\_ga=2.31240508.241602770.1558559745-1965920211.1540564246](https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/ES-Olympic-Charter.pdf#_ga=2.31240508.241602770.1558559745-1965920211.1540564246). Acesso em 21 maio 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **CAPES: Documento de Área - Área de avaliação: Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional**. 2013. Disponível em: < [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Educ\\_a%C3%A7%C3%A3o\\_F%C3%ADsica\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_att08deoutubro.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Educ_a%C3%A7%C3%A3o_F%C3%ADsica_doc_area_e_comiss%C3%A3o_att08deoutubro.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2019.

DACOSTA, L. P. O Olimpismo e o equilíbrio do homem. *In:* DACOSTA, L. P.; TAVARES, O. (ed.). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999, p. 50-69.

DACOSTA, L. P. *et al.* **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DACOSTA, L.; MIRAGAYA, A. Estado da arte do conhecimento sobre legados de megaeventos esportivos no exterior e no Brasil. *In:* DACOSTA, L. P. *et al.* (ed.) **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília, 2008, p. 33, 2008.

DACOSTA, L. P. Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências internacionais e brasileiras. *In:* REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 17-28.

DECIAN, M. R. *et al.* A produção do conhecimento em Educação Física e suas subáreas: um panorama a partir de periódicos nacionais da área. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 261-269, 2017.

DE MELLO, V. A. Porque devemos estudar História da Educação Física/Espportes nos cursos de graduação?. **Motriz. Journal of Physical Education**. São Paulo, p. 56-61, 1997.

FARIAS, M. M. *et al.* Estudos acadêmicos sobre o remo: a Educação Física como campo de produção de conhecimento histórico. **Motrivência**, Florianópolis. No prelo 2020.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.

FUTADA, F. M. Educação olímpica: conceitos e modelos. *In:* RUBIO, K. **Educação Olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 13-28, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOMES, M. C. Por uma Educação Olímpica em movimento: notas de pesquisas e avaliações. *In:* REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 175-190.

GUGISNKY, A.; GODOY, L. Análise das influências das transformações sociais nos Jogos Olímpicos para uma abordagem crítica das ações de Educação Olímpica. *In:* SEMINÁRIO ESPANHA-BRASIL, 2006, Barcelona. **Universidad y Estudios Olímpicos**. Barcelona: Universidad Autònoma de Barcelona, 2007. p. 150-161. Disponível em: [http://sportsinbrazil.com.br/livros/livro\\_uab\\_e-book\\_180407.pdf#page=150](http://sportsinbrazil.com.br/livros/livro_uab_e-book_180407.pdf#page=150)  
Acesso em: 21 maio 2019.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* Modus operandi da produção científica da Educação Física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 1-14, 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.

LENK, H. Toward a social philosophy of the Olympics: values, aims and reality of the modern Olympic Movement. *In*: GRAHAM, P.J.; UEBERHORST, H. (eds.) **The modern Olympics**. WestPoint: Leisure Press, 1976. p. 109-69.

LOVISOLO, H. R. Sociologia do Esporte: temas e problemas. **Cadernos de Formação RBCE**. Porto Alegre, p. 80-91, jul. 2011.

MIRAGAYA, A. Educação Olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 41-58.

MIRANDA, N. N.; MASCARENHAS, F. Os estudos olímpicos no Brasil: um mapeamento a partir dos periódicos científicos da Educação Física brasileira. **EFDesportes.com**, Buenos Aires, v. 16, n. 160, set. 2011.

MÜLLER, N. Olympic Education. *In*: HAI REN (ed.). **Olympic Studies Reader**. Beijin: Beijin Sport University Press, 2008. p. 305-322.

MÜLLER, N. Educación Olímpica: lecciones universitarias olímpica *In*: Cátedra Internacional de Olimpismo. Barcelona. **Universidad y Estudios Olímpicos**. Barcelona: Universidad Autònoma de Barcelona, 2010. Disponível em: [http://ceo.uab.cat/pdf/muller\\_spa.pdf](http://ceo.uab.cat/pdf/muller_spa.pdf). Acesso em 21 maio 2019.

MÜLLER, N.; MESSING, M. (eds.) **S.O.S. Save Olympic Spirit**: toward a social philosophy of the Olympics. Selected Writings by Hans Lenk. Kassel: Agon Sportverlag, 2012. 310 p.

MÜLLER, N.; TODT, N. **Pierre de Coubertin**: seleção de textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

NASCIMENTO, A. C. S.; GOMES, A. A. O. Perfil de periódicos científicos da educação física: avaliação de aspectos formais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 17., 2011, Porto Alegre, RS. **Anais [...]** Porto Alegre, RS: CBCE, 2011.

NASCIMENTO JUNIOR, A. F. Fragmentos da presença do pensamento idealista na história da construção das ciências da natureza. *Ciência & Educação*: Bauru, v. 7, n.2, p. 265-285, 2001.

- NAUL, R. **Olympic Education**. Maidenhead: Meyer, 2008.
- NEVES, E. B. Escrevendo a metodologia. *In*: NEVES, E. B.; DOMINGUES, C. A. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.
- NETO-WACKER, M. F. Educação Olímpica, Olimpismo e eurritmia. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 29-40.
- PARRY, J. Sport and Olympism: universals and multiculturalism. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 33, n. 2, p. 188-204, out. 2006.
- PEREIRA, L. H. Uma abordagem filosófica do capitalismo é possível? Limites E possibilidades de renovação da filosofia social contemporânea. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Minas Gerais, v. 59, n. 141, p. 789-808, 2018.
- PESAVENTO, S. J. História & história cultura. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. S. **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 270 p.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODRIGUES, R. P. Educação Olímpica: desafios para as políticas públicas de esporte e lazer. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 257-264.
- RUBIO, K. Alteridade e cidadania como caminhos para a compreensão da diversidade e do multiculturalismo na Educação Olímpica. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 91-100.
- RUBIO, K. Sobre as origens do esporte moderno e do Olimpismo, p. 148-168. *In*: RUBIO, K. **Educação Olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 149-168.
- RÚBIO, K. Postulações brasileiras aos jogos olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e movimento olímpico. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 15, n. 895, 2010.
- RUFINO, L. G. B. *et al.* Educação Física escolar no ensino médio: analisando o estado da arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 353-369, abr./jun. 2016. Disponível em:

<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/2138/1096>. Acesso em: 21 maio 2019.

TANI, G. Leituras em **Educação Física**: retratos de uma jornada. São Paulo: Phorte, 2011.

TAVARES, O. Referenciais teóricos para o conceito de ‘Olimpismo’. *In*: DACOSTA, L. P.; TAVARES, O. (ed.). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999, p. 15-69.

TAVARES, O. Educação Olímpica no Rio de Janeiro: notas iniciais para o desenvolvimento de um modelo. *In*: DACOSTA, L. P. *et al.* (ed.). **Legado de megaeventos esportivos**. Brasília: CONFEEF, 2008, p. 343-356.

TAVARES, O; ABREU, N. G. Manual de Educação Olímpica. **Material didático elaborado para uso nas escolas como proposta de uma educação em valores por meio da Educação Olímpica**, impresso, Vitória, 2011. 64 p.

THOMAS, J. R. *et al.* **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TODT, N. **Educação Olímpica**: em direção a uma nova Paideia. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.